

## **A RECEPÇÃO DE BAUDELAIRE NO BRASIL: OBRA E FORTUNA CRÍTICA<sup>1</sup>**

### **BAUDELAIRE'S RECEPTION IN BRAZIL: WORKS AND CRITICAL FORTUNE**

**Gilles Jean Abes<sup>2</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho revisita a questão da recepção de Charles Baudelaire no Brasil. Não perdendo de vista a centralidade da tradução na recepção da poesia do autor, a partir da década de 70 do século XIX, conforme apontam Amaral, Meirelles ou ainda Candido, procuro indicar uma recepção anterior, com leitura direta em francês. Ao pesquisar os jornais impressos (em francês e português) no Brasil e as revistas francesas vendidas no país, a exemplo da *Revue des Deux Mondes*, nota-se a presença do poeta bem antes da década de 1870. Portanto, o *acontecimento* da recepção de Baudelaire não se limita às primeiras traduções, mas deita certamente suas raízes já em 1855, ano crucial para sua recepção, segundo André Guyaux. No contexto específico brasileiro, a circulação transnacional de bens culturais e a influência da cultura francesa têm papel fundamental na presença do nome de Baudelaire, cujos vestígios aparecem não somente em referências a suas obras, como também a sua fortuna crítica.

**Palavras-chave:** Baudelaire; recepção; periódicos.

**Abstract:** This paper revisits the issue of Charles Baudelaire's reception in Brazil. Not losing sight of the centrality of translation in the reception of the author's poetry, from the 1970s onwards, as pointed out by Amaral, Meirelles or Candido, I try to indicate a previous reception, with direct reading in French. When researching printed newspapers

---

<sup>1</sup> Este artigo é o resultado de uma comunicação proferida no VIII Seminário Internacional de História da Tradução e da Tradução Literária – “História da Tradução: Narrativas”, realizado pelo Núcleo de Estudos em História da Tradução e Tradução Literária (NEHTLIT), da Universidade de Brasília (UnB), entre 11 e 24 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Professor no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET): <gillesufsc@gmail.com>.

(in French and Portuguese) in Brazil and French magazines sold in the country, such as the *Revue des Deux Mondes*, the poet's presence is noted well before the 70s. Therefore, the event of Baudelaire's reception is not limited to the first translations, but certainly has its roots in 1855, a crucial year for his reception, according to André Guyaux. In the specific Brazilian context, the transnational circulation of cultural goods and the influence of French culture play a fundamental role in the presence of Baudelaire's name, whose traces appear not only with references to his works, but also to his critical fortune.

**Keywords:** Baudelaire; Reception; Periodicals.

## INTRODUÇÃO

Uma dúvida... dúvida esta que se formou a partir de leituras e palestras de outros colegas, notadamente, sobre a questão da circulação de obras e jornais entre a Europa e o Brasil, em especial a França, foi se instalando naquilo que sabia sobre a recepção de Charles Baudelaire no Brasil. Penso aqui nos trabalhos de Márcia Abreu, Tânia Regina de Luca, Valéria Guimarães, entre outros, no campo da História da Leitura. Essa dúvida irrompeu, mais especificamente, de um embate entre um contexto brasileiro singular, a circulação transnacional de bens culturais e a recepção da obra de Baudelaire que é frequentemente centrada na tradução. Este contexto coloca-nos a narrativa de uma importante circulação de livros, jornais e revistas entre a França e o Brasil, sobretudo o Rio de Janeiro. E aponta para o papel preponderante que tiveram os mediadores culturais nessa circulação: livreiros e editores.

Ademais, a existência de periódicos impressos em língua francesa no país, como a venda de jornais e revistas estrangeiros reforça, como se sabe, o fato de que parte da corte e dos intelectuais brasileiros liam diretamente em francês e tinham a cultura francesa como “modelo civilizatório”. Como então, com tal contexto e circulação dinâmica, entender que a recepção da obra de Baudelaire ocorreu (quase) unicamente pela tradução, como parecem sugerir as pesquisas de Glória Carneiro do Amaral, Ricardo Meirelles, ou ainda o famoso ensaio de Antonio Candido, “Os primeiros baudelaireanos”, publicado em *A educação pela noite*?

Lagarteadado pela dúvida, o edifício da recepção do poeta no país, antes supostamente estável, abria então espaço para uma nova investida e reconfiguração.

Logo, o objetivo deste trabalho é revisitar a questão da recepção de Charles Baudelaire no Brasil. Minha reflexão se estabelece notadamente a partir de uma mudança teórico-metodológica, com base na contribuição de trabalhos no campo da História da Leitura. Minha ótica é a de um estudo

comparativo da recepção do poeta na França e no Brasil. Não pretendo perder de vista a inegável centralidade da tradução na recepção da poesia do autor, a partir da década de 70 do século XIX, conforme apontam as importantes pesquisas de Amaral (1996), Meirelles (2010, 2018) ou ainda Candido (2017[1973]). Procuo tão somente indicar uma recepção *anterior*, com leitura direta em francês, não apenas de sua obra como também de sua fortuna crítica. É preciso também destacar a compreensão do problema da recepção a partir do conceito de *acontecimento*, desenvolvido pelo historiador François Dosse (2013). Entender essa recepção como *acontecimento* significa afastar-se da ideia do “fato datado”, que basta descrever ou desvelar – como se o passado fosse um objeto estável e imóvel no tempo e que bastaria resgatá-lo –, e, em sentido contrário, abordar a questão do passado como vestígios alocados numa tensão temporal não linear, cujos rastros é preciso seguir, interpretar e narrar.

Inicialmente, procuro apontar de forma sucinta a situação da recepção de Baudelaire na França, para, a seguir, indicar de que modo era entendida pelo viés da tradução no Brasil. Passo então aos elementos que formam sua recepção *anterior*, ou seja, às ocorrências (vestígios) do nome do poeta nos jornais que eram lidos no país, impressos ou vendidos no território, a exemplo do jornal *Courrier du Brésil* ou da *Revue des Deux Mondes* (CAMARGO, 2015). Abordo especialmente esta revista, que circulou em vários países, como verdadeiro *elo* entre os sistemas literários francês e brasileiro para a recepção de Baudelaire. A análise da *Revue des Deux Mondes* possibilita igualmente levantar a hipótese da presença da obra do poeta e de sua fortuna crítica a partir de década de 50 do século XIX. A pesquisa em jornais foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Finalmente, tratodaquestãodarecepção *anterior* como *acontecimento* – vestígio que é preciso interpretar –, que dialoga com os trabalhos anteriores acrescentando-se a essa recepção focada na tradução. Busco também evidenciar, na figura de Machado de Assis, contrastivamente, a singularidade brasileira na questão da recepção de Charles Baudelaire.

## **BAUDELAIRE NA FRANÇA: RECEPÇÃO INICIAL**

Um estudo do poeta Paul Verlaine sobre Baudelaire, publicado nos números 16 e 30, de novembro e 23 de dezembro de 1865 no jornal *L'Art*, respectivamente, assinala uma face da recepção da poesia baudelairiana na França: o reconhecimento da importância de sua obra para alguns

jovens poetas e um número reduzido de amigos. Essa “escola Baudelaire” – expressão usada pelo próprio poeta em duas cartas<sup>3</sup> –, como recepção positiva da obra, está inserida num contexto maior de forte rejeição de sua poesia, o qual culmina no processo empreendido contra o livro *Les Fleurs du Mal* em 1857 e numa incompreensão que perdurará até o início do século XX.

O cinquentenário da obra, em 1907, passa praticamente despercebido, conforme André Guyaux (2007, p. 13). Naquela época, a presença do nome de Baudelaire nos livros de História da literatura e nos manuais escolares quase inexistiu. Quando mencionado, é com julgamentos severos e de poucas linhas. É preciso aguardar 1912 para encontrar um elogio num manual de história literária, obra do ensaísta francês Fortunat Strowski. Segundo Guyaux, a exceção encontra-se justamente fora das fronteiras francesas, na Bélgica, na obra *Histoire générale de la littérature française*, publicada em 1889, de autoria de Hermann Pergameni, professor de literatura francesa na universidade de Bruxelas, que recusa o “realismo”<sup>4</sup> que caracterizaria Baudelaire, segundo as críticas negativas habituais encontradas na imprensa e nos manuais franceses. Pergameni (2007, p. 16) propõe uma análise estética do livro como uma singular mescla de “exatidão brutal” e de “idealismo místico”.

Interessa-me justamente analisar a recepção contrastivamente, sobretudo suas peculiaridades, a exemplo dessa exceção belga.

## NO BRASIL, O FOCO NA TRADUÇÃO

A recepção de Baudelaire no Brasil, mais especificamente de sua poesia, tem sido estudada pela crítica pelo foco quase exclusivo da tradução. Sendo assim, a década de 1870 aparece como momento decisivo. Basta observar trabalhos bastante conhecidos, como *Aclimatando Baudelaire*, de Glória Carneiro do Amaral (1996), os de Ricardo Meirelles, como sua tese *As flores do mal no Brasil: traduções* (2010) ou seu artigo “*Les Fleurs du Mal* antes de *As flores do Mal*: os primeiríssimos baudelairianos” (2018), que, somados ao ensaio “Os primeiros baudelairianos”, de Antonio Candido (2017), dão destaque à tradução na recepção do poeta.

---

<sup>3</sup> Cartas dirigidas a Jules Troubat (2003), secretário de Sainte-Beuve, e à sua mãe (1973), ambas datadas de 5 de março de 1866. Nestas, comenta seu medo dos imitadores e que uma “escola Baudelaire” existiria.

<sup>4</sup> Importa lembrar que o termo “realismo” tinha um sentido muito pejorativo, associado a uma suposta crueza ou morbidez considerada como doentia.

Amaral (1996) considera a tradução como uma “alavanca inicial” e o “primeiro registro” da leitura de *As flores do Mal* no Brasil. Na seção intitulada “Traduções: alavanca inicial”, comenta o seguinte:

O primeiro registro da leitura de *As flores do Mal* no Brasil são traduções, o que não causa espanto pois traduzir era moda no século XIX. Não há poeta que se preze que não tenha traduzido seus autores preferidos (AMARAL, 1996, p. 34).

Amaral escolhe o ano de 1871 como primeiro registro dessa leitura, na tradução que Luís Delfino realizou, mas que seria publicada somente em 1934, sob os auspícios de Félix Pacheco. E há uma nota de rodapé, associada a essa data, muito significativa:

Recentemente, tomei conhecimento pelo prof. Paulo Franchetti de um episódio da vida de Fagundes Varela que nos levaria a crer que *As flores do mal* eram lidas antes de 1871 no Brasil. É possível. Mas como o biógrafo de Varela não precisa a data do episódio, só podemos supor que foi por volta de 1868. Deixo registrado esse dado e fico, até informação mais precisa, com a data da tradução de Luís Delfino (AMARAL, 1996, pp. 34-35).

O episódio conta que Varela estava com o livro de Baudelaire e um interlocutor o teria pedido emprestado. O poeta recusou afirmando que “não são versos para bode ler...” (AMARAL, 1996, p. 35).

Para além do chiste, formado pelo trocadilho Baude/bode-laire/ler, o interesse dessa nota é duplo: a afirmação da leitura de Baudelaire, e sua recepção inicial, via traduções. Além disso, aponta para um contato anterior aos anos 1870, mas com data imprecisa, a partir de uma anedota não menos vaga que a pesquisadora não investiga, talvez por não se beneficiar dos estudos mais recentes sobre a circulação dos impressos.

Para Ricardo Meirelles (2018), o foco permanece a tradução:

O primeiro período da recepção do livro francês vai do seu lançamento, em 1857, até o fim do século XIX: Baudelaire é aclimatado (AMARAL, 1996) e seus poemas são, no mais das vezes, adaptados e parafrásados [sic] em nome da legitimação de uma filiação estética, no mínimo, discutível (MEIRELLES, 2018, p. 115).

E reafirma:

Concluindo, seria correto afirmar que o livro de Charles Baudelaire, *Les Fleurs du Mal*, teve uma ampla e intensa recepção mesmo antes de sua publicação integral no Brasil, gerando diversas correntes de interpretação e reconhecimento e produzindo um repertório crítico e literário de extrema importância para a História da Literatura Brasileira. Contudo é preciso não esquecer que existiram

os “primeiríssimos baudelairianos”: poetas, como o gaúcho Carlos Ferreira e o catarinense Luiz Delfino [sic], que com sua acanhada contribuição ajudaram a garantir essa recepção e a amplitude e a intensidade desse debate (MEIRELLES, 2018, p. 126).

Candido (2017) já havia alocado os primeiros baudelairianos nos anos de 1870, com base num levantamento sistemático de traduções realizado por C. Tavares Bastos em 1963.<sup>5</sup>

Neste ensaio não tratarei do apogeu da influência nem da fase acadêmica de celebração tranquila. O intuito é estudar o grupo inicial de baudelairianos dos anos de 1870 e começo dos de 1880, que, embora formado por poetas secundários, talvez represente o único momento em que a presença dos textos de Baudelaire foi decisiva para definir os rumos da produção poética, traçando a fisionomia de uma fase e, deste modo, assumindo uma importância histórica que os períodos seguintes não conheceram (CANDIDO, 2017, p. 28).

Um pouco adiante no ensaio, reafirma que os

[...] primeiros sinais de interesse por Baudelaire no Brasil partem de escritores cuja obra não recebeu qualquer marca ponderável da sua. É o caso do torrencial Luís Delfino, que fez em 1871 uma tradução de “Le Poison”, inédita até 1841 (CANDIDO, 2017, p. 29).

Candido cita então uma importantíssima observação de Machado de Assis sobre a apropriação que se fez da poesia de Baudelaire encontrada no artigo “A nova geração”, publicado na *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro) em 1879:

Quanto a Baudelaire, não sei se diga que a imitação é mais intencional do que feliz. O tom dos imitadores é demasiado cru; e aliás não é outra a tradição de Baudelaire entre nós. Tradição errônea. Satânico, vá; mas realista o autor de *D. Juan aux enfers* e da *Tristesse de la lune!* (ASSIS, 2019, p. 46).

Machado identifica uma tradição baudelairiana já em 1879 e “imitadores” (como temia Baudelaire),<sup>6</sup> expondo, de forma muito pertinente e pioneira – inclusive se observarmos a crítica francesa na mesma época – o equívoco da associação do termo “realismo” à poesia de *As flores do mal*. Observa-se que Machado cita os poemas com o título original porque lia em francês, assim como muitos intelectuais de sua época. Além disso, parece estar ciente de um debate em torno da poesia

---

<sup>5</sup> *Baudelaire no idioma vernáculo*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1963.

<sup>6</sup> Ver nota 3.

baudelairiana e a questão de seu suposto “realismo mórbido”, debate este onipresente nos jornais franceses.

Como Machado de Assis teria chegado ao “realismo”, termo pejorativo empregado pela crítica francesa para desqualificar a poesia singular de *Les Fleurs du Mal*?

## **A RECEPÇÃO ANTERIOR: VESTÍGIOS DE BAUDELAIRE NOS JORNAIS “BRASILEIROS”**

Proponho uma mudança na maneira de pesquisar a recepção do poeta no país, voltando-me para os trabalhos sobre a História da leitura mencionados anteriormente. Como feito, Tânia de Luca e Valéria Guimarães (2017, p. 9) pontuam que “a abordagem transnacional é, antes de tudo, uma opção teórico-metodológica que pode iluminar aspectos ignorados em outras circunstâncias”. A pesquisa sobre essa circulação dos impressos é realizada pelo Transfopress (Transnational Network for the Study of Foreign Language Press – 18th-20th Centuries), grupo internacional e interdisciplinar constituído a partir de uma chamada pública realizada em 2012 pelos professores Diana Cooper-Richet e Michel Rapoport, ambos do Centre d’Histoire des Sociétés Contemporaines da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, instituição que coordena e sedia a rede. Outro projeto similar é o Circulação Transatlântica dos Impressos: A Globalização da Cultura no Século XIX (1789-1914), coordenado por Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier.

André Caparelli (2013, p. 11) aponta que “a abordagem comparativa transnacional entre dois sistemas culturais pode revelar-se uma abordagem frutuosa para as pesquisas em ciências humanas”.<sup>7</sup> De maneira mais específica, para o professor da Université de Montpellier III, o estudo do jornal oferece novas pistas para compreender a circulação da cultura através das fronteiras (p. 12). *É com base nessa mudança teórico-metodológica que busquei justamente aspectos ignorados da recepção de Baudelaire no Brasil.*

Assim, Valéria Guimarães (2017, p. 89) identifica o período entre os anos 1850 e 1930 como a “era de ouro” dos periódicos (jornais e revistas) publicados em língua francesa no Brasil pela sua longevidade

---

<sup>7</sup> “La comparaison transnationale entre deux systèmes culturels peut s’avérer une approche fructueuse pour les recherches en sciences humaines [...]” As traduções das citações são de minha autoria, permanecendo o original em nota.

e importância. Jornais como o *Courrier du Brésil – Politique-Littérature-Revue des Théâtres, Sciences et Arts-Industrie-Commerce* (1854-1862) e *L'Écho du Brésil et de l'Amérique du Sud* (1859-1860), para citar apenas dois, eram vendidos na rua do Ouvidor. Ainda segundo a pesquisadora, esses periódicos franceses radicados no Rio de Janeiro e em São Paulo não eram muito numerosos se comparados à produção de outros grupos, como os italianos, mas foram tão ou mais importantes e influentes no panorama da história da imprensa brasileira. Jornais franceses importados de Paris ou publicados no Brasil não só cumpriram o papel de difusão francófona, como estiveram entre os pioneiros na inserção do Brasil na lógica de uma cultura midiática transnacional surgida no bojo da ascensão da modernidade do século XIX.

Ao traçar o contexto brasileiro, questiono-me sobre a presença de Baudelaire nos jornais impressos ou vendidos em terras brasileiras nas décadas de 50 e 60 do século XIX. Volto-me então para a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e dou início à pesquisa buscando ocorrências do nome ou das obras do poeta nesses jornais e revistas. Deparo-me, então, numa abordagem cronológica, com uma primeira menção a Baudelaire em 1856 no hebdomadário *Courrier du Brésil*.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Encontrei recentemente, após a redação do presente texto, o artigo de Denise Bottmann (2017), “Baudelaire no Brasil”. Ela também conclui que Baudelaire foi lido bem antes da década de 1870, citando inclusive o *Courrier du Brésil* e a *Revue des Deux Mondes*.





Le public français a donné récemment une hospitalité empressée aux histoires parfaitement nommées extraordinaires d'Edgar Poe, cet américain dont la vie a été aussi excentrique que ses œuvres, pour écrire comme il écrit, il faut avoir vécu comme il a vécu. M. Charles Baudelaire a fait un choix parmi les nouvelles et articles que Poe a laissés, mélange inouï d'imagination, de rêverie, de sagacité scientifique, provocation violente et une curiosité poussée jusqu'à la fièvre; avec un pareil aug-

Figura 1 – *Courrier du Brésil* (1854-1862),<sup>9</sup> Rio de Janeiro (FR), de 21 de setembro de 1856, com detalhe para o trecho que trata do Baudelaire tradutor de Edgar Allan Poe. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

<sup>9</sup> Os destaques em amarelo nas imagens são de minha autoria.

Num artigo da coluna “Littérature – Correspondance Littéraire du Courrier du Brésil”, escrito em 21 de agosto de 1856, publicado em 21 de setembro de 1856, conforme figura 1, consta a primeira ocorrência do nome do poeta em periódicos impressos no Brasil, até onde pude pesquisar nos arquivos que foram digitalizados na Hemeroteca, dentre os que sobreviveram ao tempo e ao descaso de políticas que desvalorizam a memória. Importa sublinhar que o jornal alude ao Baudelaire tradutor de Poe. O livro *Histoires extraordinaires* acabara de ser publicado na França, pela editora Michel Lévy, em 12 de março do mesmo ano. Pouco antes, em 25 de fevereiro, ocorrera a publicação de uma parte do prefácio das *Histoires extraordinaires: sa vie, son oeuvre* no jornal *Le Pays*. O *Courrier du Brésil* foi um dos periódicos mais antigos e longevos impresso no Rio de Janeiro. Fundado em 1854, o hebdomadário dominical circulou até 1862, sendo distribuído nas ruas do Ouvidor e do Rosário, notadamente na Livraria Pinto & Waldemar. Como veremos adiante, duas outras ocorrências do nome de Baudelaire surgirão das folhas desse jornal.

Encontrei uma segunda ocorrência no jornal *O Liberal Pernambucano*, de 19 de outubro de 1857, periódico de cunho político e social publicado na província de Pernambuco. De periodicidade diária, esse jornal publicou 2.166 números entre os anos de 1852 e 1858. Embora impresso em português, podemos observar a publicação de um poema de Joseph Boulmier, em francês e sem tradução, logo acima da notícia que concerne ao poeta.



Figura 2 – *O Liberal Pernambucano* (1852-1858), de 19 de outubro de 1857.  
Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Trata-se da primeira menção à *Fleurs du mal* no Brasil, obra publicada em 25 de junho de 1857 e condenada em 20 de agosto do mesmo ano, pela justiça francesa, por atentado à moral. É também a primeira ocorrência de Baudelaire enquanto poeta. Na verdade, o referido processo resulta de ataques sofridos desde 1855, notadamente pelo jornal *Le Figaro*. O autor do artigo de *O Liberal Pernambucano* vê a necessidade de fazer uma “severa crítica” à obra de ponto de vista moral, mas afirma que “nada mais resta-nos do que reconhecer o incontestável talento de seu autor”.

A terceira ocorrência do nome de Baudelaire que pude encontrar nos jornais foi a publicação do poema “La Lune offensée”, no *Courrier du Brésil*, em abril de 1862.

**As flores do mal de M. Carlos Baudelaire merecerão debaixo do ponto de vista moral uma severa critica de nossa parte, se a justiça não tivesse julgado conveniente que ella mesmo devia fazer-lhes a sua. Condemnadas por ella, nada mais resta-nos do que reconhecer o incontestavel talento de seu autor. — E por que razao acontece que os tristes resultados do liberalismo tenham obrigado a poesia a enlamear-se em semelhantes lodaças? Em nossos dias, a duvida tem magoado, desbotado, deshonrado a bella inspirada.**

LEGIVEL



Figura 3 – *Courrier du Brésil*, de 20 de abril de 1862: publicação do poema “La Lune offensée”.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Esse poema foi publicado no jornal *L'Artiste* em 1º de março de 1862 e na edição póstuma de 1868 das *Flores do mal*. Pouco mais de um mês depois de sua publicação no jornal francês, o poema surge nas páginas do *Courrier du Brésil*, mostrando quão rápida pode ser essa circulação das notícias e dos textos entre os continentes e, igualmente, a importância de se levar em conta a leitura direta em francês na recepção de Baudelaire no país.

Outra ocorrência, no mesmo jornal, aparece em julho de 1862, sendo desta vez o Baudelaire crítico literário que é mencionado com um ensaio que havia publicado sobre a obra *Os miseráveis*, de Victor Hugo, no jornal francês *Le Boulevard*, em 20 de abril do mesmo ano.



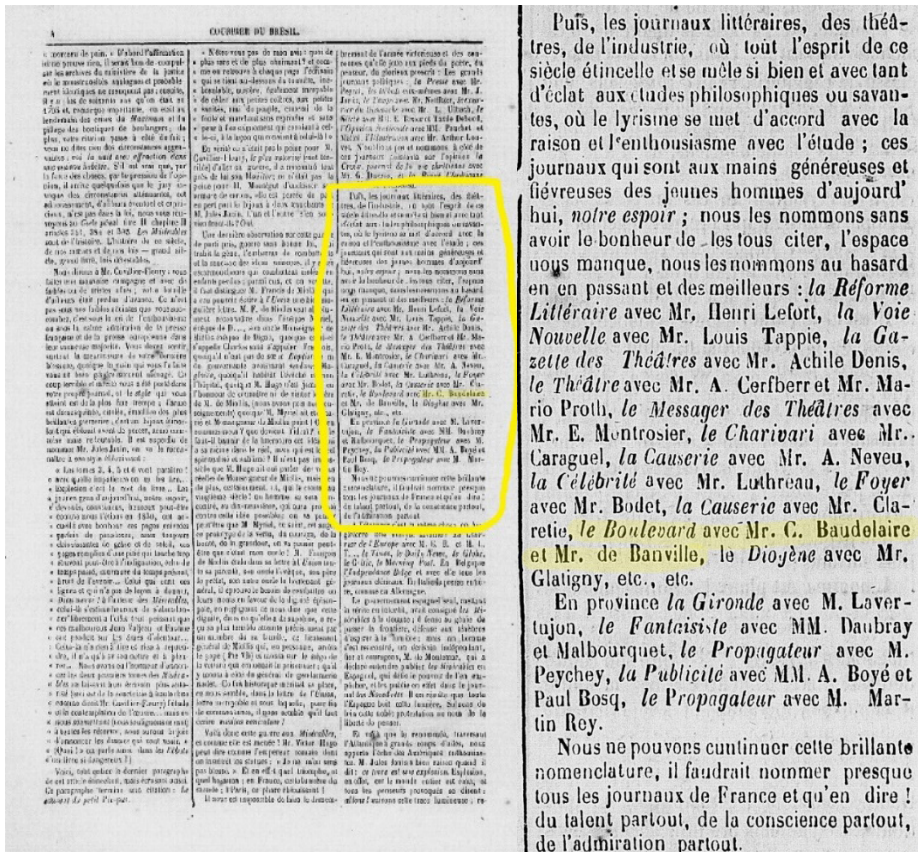


Figura 4 – *Corrier du Brésil*, 27 de julho de 1862: resenha de Baudelaire sobre *Os miseráveis*.  
Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O Baudelaire poeta aparece outra vez no jornal *A Actualidade*, que anuncia, em francês, a próxima publicação de poemas escolhidos de vários poetas, dentre eles, Musset, Hugo e Baudelaire.

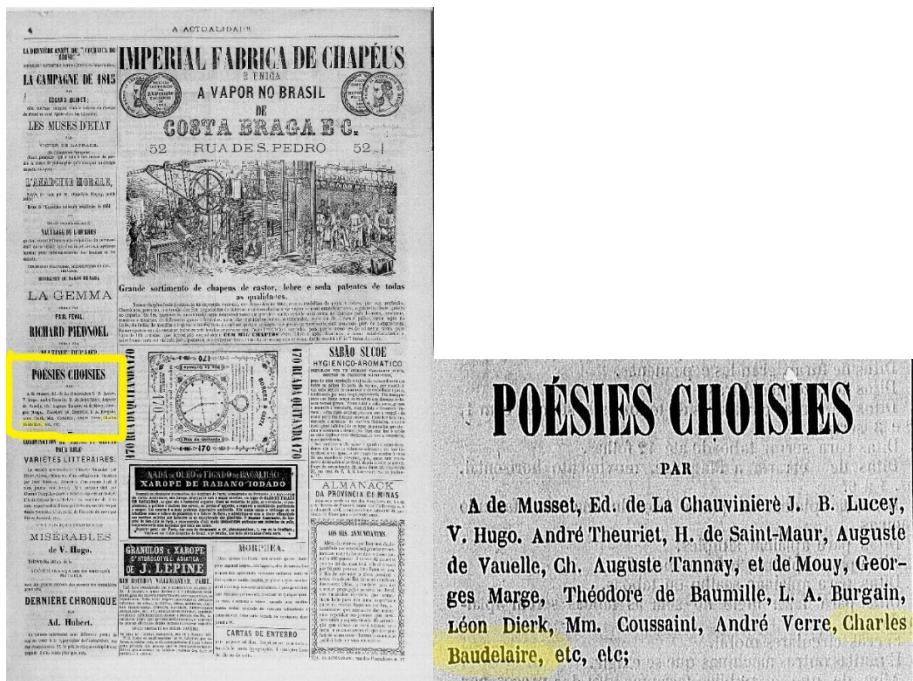


Figura 5 – A Actualidade (1859-1864), de 11 de abril de 1864: anuncia poemas de Charles Baudelaire na seção “Poésies Choisies”.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Em 23 de outubro de 1867, o periódico *Gazette du Brésil* (1867-1868/RJ), vendido em vários lugares do Rio de Janeiro, mas também disponível na França, anuncia o falecimento de Baudelaire que ocorrera em 31 de agosto em Paris. A morte é noticiada junto a uma famosa anedota sobre o poeta, quando este teria participado da revolução de 1848. Não há nenhuma apresentação de Baudelaire, enquanto poeta ou tradutor de Poe, por exemplo, o que dá a entender que seu nome já é conhecido dos leitores. A história, apresentada sob a forma de um diálogo, dá a ver um poeta espirituoso que faz um trocadilho com a palavra “chien”, palavra que, como cão em português, pode ser tanto o animal quanto a peça de percussão de uma arma de fogo, como a espingarda da anedota. Na cena dramatizada, cujo cenário é a Revolução de 1838, Baudelaire encontra-se nas barricadas à noite e quase atira num cão achando que era um inimigo soturno, quando o dono grita para não atirar, pois seu cão tinha fuzil. O poeta teria respondido, rindo: “no meu caso, é o contrário, é o meu fuzil que não tem cão”.

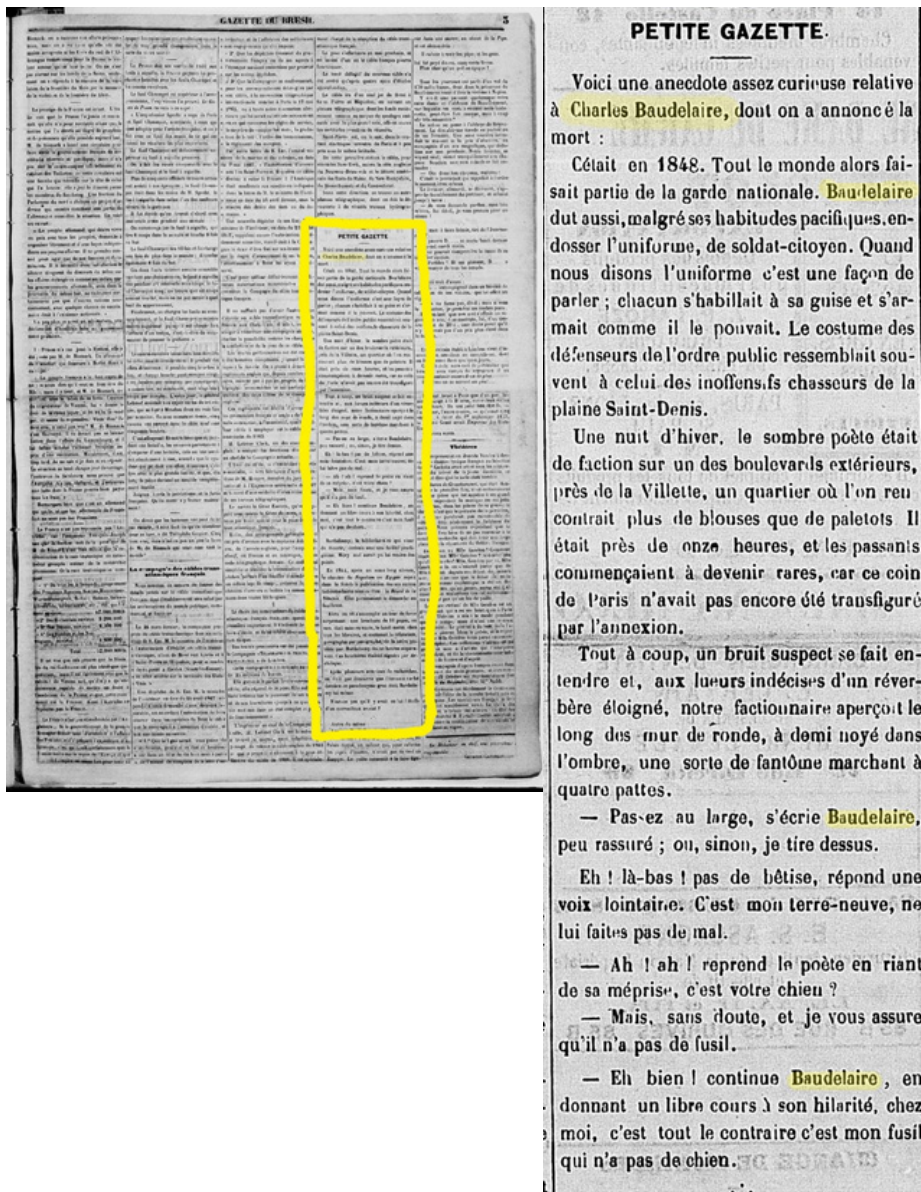


Figura 6 – Artigo “Petite Gazette”, do *Gazette du Brésil*, de 23 de outubro de 1867.  
 Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Verdadeira ou não, a mesma anedota havia sido publicada um dia antes, em dois jornais nacionais, o *Correio Mercantil* e o *Diário do Rio de Janeiro*, sem a notícia da morte.



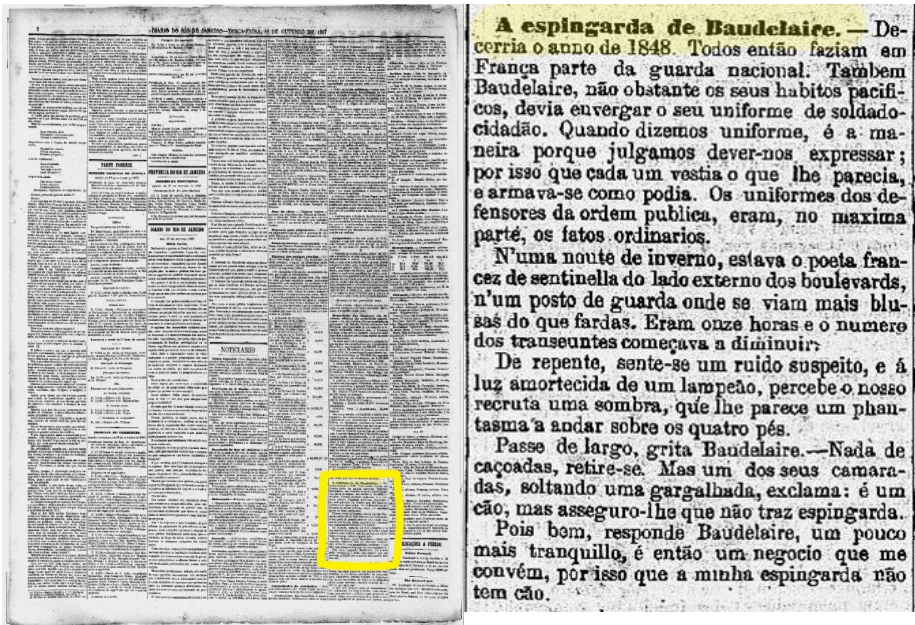


Figura 7 – Diário do Rio de Janeiro em 22 de outubro de 1867.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

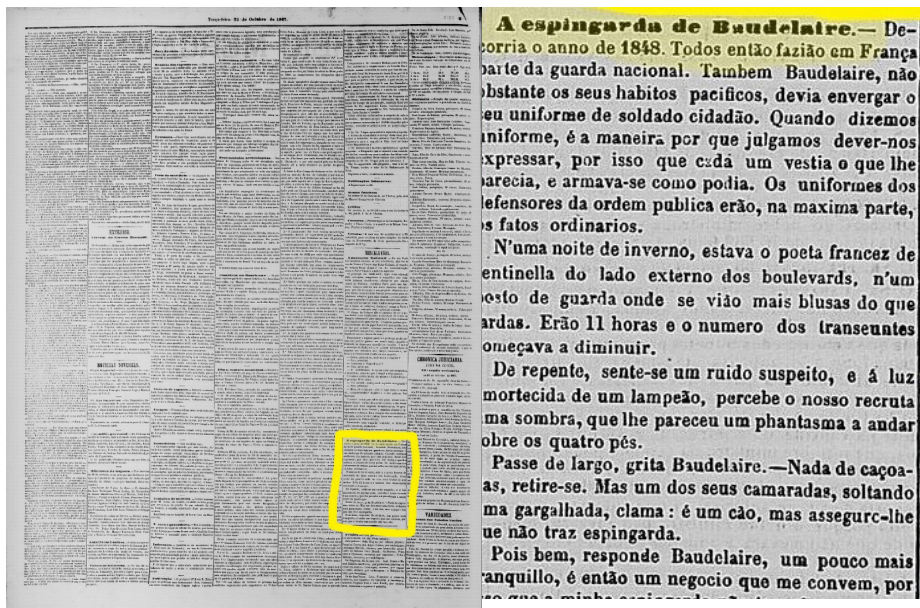


Figura 8 – A mesma anedota é publicada em português no Correio Mercantil (R) em 22 de outubro de 1867.

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.



Após verificar as datas nos jornais, constatei que a versão em português dessa anedota foi de fato publicada um dia antes. Isso pode significar que a fonte encontra-se em outro jornal e que a versão francesa da *Gazette du Brésil* também replicou a anedota. Nos encontramos diante de uma prática do jornalismo: o *patchwork*. Segundo Caparelli (2007, p. 21), “copiar e citar outros jornais, nacionais e internacionais, fazem parte do *patchwork* próprio ao gênero jornalístico e têm um papel considerável na economia do jornal”.<sup>10</sup> Essa prática e também da tradução (*lato sensu*)<sup>11</sup> apontam para outra dimensão na dinâmica da circulação de notícias e bens culturais: artigos são replicados, traduzidos, adaptados, frequentemente, sem que seja possível identificar a fonte. A própria *Revue des Deux Mondes* é copiada em papel mais barato, conforme relata Camargo:

Os belgas costumavam reeditar publicações francesas em papel mais barato e com qualidade inferior de impressão, sendo o conteúdo, no entanto, praticamente o mesmo. Dessa maneira, a versão belga da *Revue* era vendida a preço inferior, usurpando, assim, grande parte do mercado da *Revue des Deux Mondes* parisiense. Um número considerável das coleções da *Revue* existentes no Brasil era pirateado e impresso em Bruxelas, como, por exemplo, os exemplares presentes na Biblioteca Fluminense e na Faculdade de Direito, em São Paulo (CAMARGO, 2015, p. 34).<sup>12</sup>

Trata-se de uma prática motivada por questões econômicas: economia de tempo e dinheiro. De maneira mais drástica, temos o caso da versão belga da *Revue*. Resulta desse *patchwork* e da piratagem uma proliferação das notícias, rizomaticamente, para além do aspecto transnacional.

Além dos periódicos impressos em língua francesa, circularam também em território brasileiro jornais e revistas oriundos da França, a exemplo da versão belga da *Revue*.

## **BAUDELAIRE NOS JORNAIS FRANCESES VENDIDOS NO BRASIL: OBRA E FORTUNA CRÍTICA**

Valéria Guimarães (2019, pp. 23-24), a respeito do lugar de destaque dado ao estudo da imprensa francófona no território brasileiro, relata que

---

<sup>10</sup> “Copier et citer d’autres journaux, nationaux et internationaux, font partie du patchwork propre au genre journalistique et jouent considérablement sur l’économie du journal.”

<sup>11</sup> Refiro-me aqui a uma visão mais ampla da atividade tradutória, na qual a adaptação, como vimos com a anedota “A espingarda de Baudelaire”, é compreendida como tradução.

<sup>12</sup> O próximo passo do presente trabalho será justamente a pesquisa nos arquivos dessas bibliotecas.

um número expressivo de periódicos estrangeiros, a maioria franceses, inundaram o mercado editorial do Rio de Janeiro e de São Paulo em consequência da explosão da produção periódica na França, associada a fatores como “a liberação dos prelos e o fim do exclusivo colonial no Brasil em 1808, determinantes para que esse número aumentasse significativamente, cifras que permaneceram altas até meados do século XX”. Existiam também acordos comerciais favoráveis à entrada de periódicos franceses no Brasil. Foram assim encontrados cerca de 600 títulos de diferentes jornais e revistas publicados na França, os quais estavam disponíveis nos catálogos de livrarias e bibliotecas brasileiros do século XIX e XX nas duas cidades. Ainda conforme Guimarães, os periódicos *Revue des Deux Mondes* (Paris, 1829-), *Le Figaro* (Paris, 1826) e *La Revue Franco-Brésilienne* (RJ, 1909-1922), por exemplo, circularam por décadas no país (GUIMARÃES, 2019, p. 23).

As pesquisas sobre a circulação dos periódicos ajudam a estabelecer a dinâmica desse fluxo de bens culturais, assim como a observar a presença efetiva de revistas e jornais em terras brasileiras. Desse modo, resulta desse trânsito uma estreita conexão cultural entre os dois países, assim como uma redução no tempo que separa a publicação na França e a circulação do impresso até sua leitura em outro continente ou ponto do globo.

Ademais, há uma verdadeira demanda e expectativa por notícias do mundo, conforme aponta Caparelli (2013), que seguiria o ritmo e lógica dos folhetins. Segundo ele, as notícias possuem uma periodicidade transnacional com uma cadência ditada pelo ritmo de afluência dos navios a vapor. São muito atrativas para o público porque, à maneira dos folhetins, fundamentam-se na tensão entre o contínuo da intriga e o descontínuo do suporte. Com base em crônicas de José de Alencar,<sup>13</sup> Caparelli afirma que essa periodicidade transnacional possui uma dissonância entre o ritmo contínuo e regular do calendário do jornal em relação à intermitência e irregularidade na chegada das notícias estrangeiras (p. 20).

Do mesmo modo que Guimarães, Katia Camargo (2015) afirma a presença e comercialização da *Revue des Deux Mondes* e do *Annuaire des Deux Mondes* no Brasil.

---

<sup>13</sup> Crônicas de José de Alencar publicadas no *Correio Mercantil* em 1º e 29 de outubro e 12 de novembro de 1854. Alencar, segundo Caparelli, ironiza a ansiedade do público por notícias oriundas do estrangeiro.

O *Annuaire des Deux Mondes* foi publicado de 1850 a 1865, em formato in-8º, e continha cerca de 1.200 páginas, incluindo o apêndice, este, por sua vez, composto por compilação de documentos oficiais. O anuário podia ser adquirido em inúmeros países, inclusive no Brasil, segundo consta de lista publicada na última página de cada um de seus volumes. No Brasil, era vendido no Rio de Janeiro, primeiramente na loja Avrial Frères, em seguida na Garnier, Morizot e, em 1865, também em Pernambuco na De Lailhacar et Co. Em 28 de março de 1851, o *Jornal do Comércio* publica, em nome dos Irmãos Firmin Didot, um grande anúncio divulgando a *Revue des Deux Mondes*, as modificações que ela traria para o próximo ano e o grande presente que oferecia, gratuitamente, a seus assinantes. O anúncio explica, com minúcia, aquilo em que consistiria o Anuário e o público que se esperava atingir (CAMARGO, 2015, p. 34).

Com Camargo (2015, p. 46), é possível constatar que a *Revue* e o *Annuaire des Deux Mondes* (assim como sua versão pirateada belga) circularam no país, entre leitores e leitoras, e tiveram papel importante na formação intelectual das elites brasileiras, principalmente na Corte.

Ora, foi justamente neste periódico, em 1º de junho de 1855, que Baudelaire publicou 18 poemas, anunciando o título até então inédito de *Les Fleurs du mal*. É possível inclusive consultar a publicação no site da *Revue des Deux Mondes* que, não por acaso, destaca em seus arquivos digitalizados, para o ano de 1855, a figura de Baudelaire e *Les Fleurs du mal*.<sup>14</sup>

Logo, o público brasileiro pôde ler pela primeira vez o título *Les Fleurs du mal*, e, em francês, os poemas “Au Lecteur”, “Réversibilité”, “Le Tonneau de la haine”, “La Confession” (Confession), “L’Aube spirituelle”, “La Volupté” (La Destruction), “Voyage à Cythère”, “À La belle aux cheveux d’or” (L’Irréparable), “L’Invitation au voyage”, “Moesta et errabunda”, “La Cloche” (La Cloche fêlée), “L’Ennemi”, “La Vie antérieure”, “Le Spleen” (De profundis clamavi), “Remords posthume”, “Le Guignon”, “La Béatrice” (Le Vampire) e “L’Amour et le crâne”,<sup>15</sup> do Senhor Charles Baudelaire, já em 1855.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.revuedesdeuxmondes.fr/archives/>>. Acesso em: 09/08/2021.

<sup>15</sup> Entre parênteses, apresento os títulos que mudaram na publicação de *Les Fleurs du mal*. Indico, a seguir, os títulos em português com sua numeração, conforme a primeira edição de 1857: “Ao leitor”, “XLIV Reversibilidade”, “LXXIII O tonel do ódio”, “XLV confissão”, “XLVI A aurora espiritual”, “CIX A destruição”, “CXVI Uma viagem a Citera”, “LIV O irreparável”, “LIII Convite à viagem”, “LXII *Moesta et errabunda*”, “LXXIV O sino trincado”, “X O inimigo”, “XII A vida anterior”, “XXX *De profundis clamavi*”, “XXXIII Remorso póstumo”, “XI O azar”, “XXXI O vampiro” e “CXVII O amor e o crânio”.

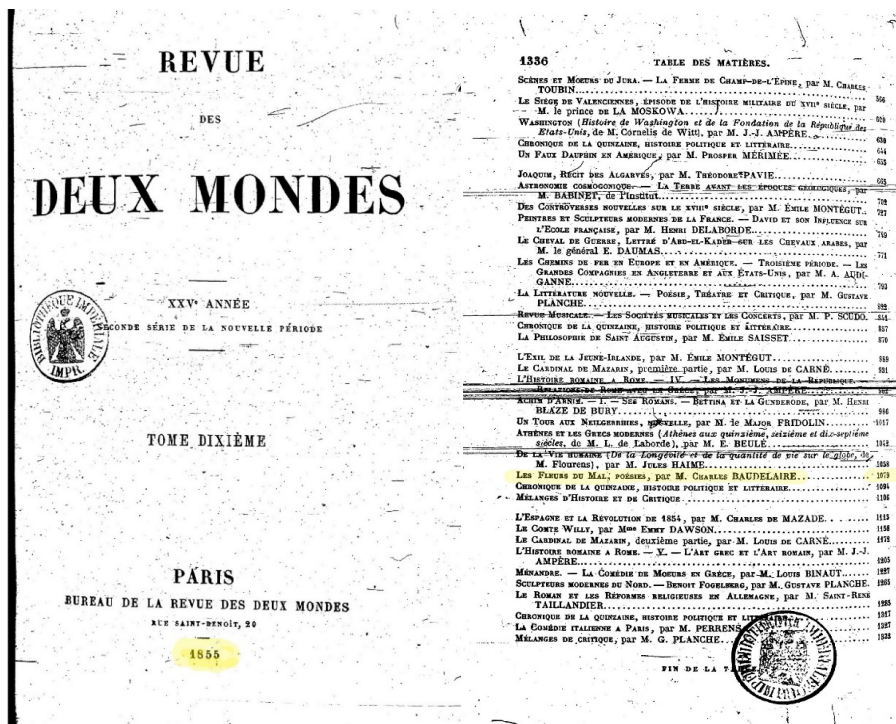


Figura 9 – Capa e sumário da *Revue des Deux Mondes*, tomo 10, de 1855.  
 Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Para além dos vestígios de Baudelaire no Brasil, seja como tradutor, poeta ou crítico, através dos jornais impressos no país ou da circulação de periódicos franceses, o público pôde igualmente ter acesso às primeiras críticas francesas sobre *As flores do Mal*. Por exemplo, o jornal *Le Figaro* teve um papel preponderante na recepção negativa da poesia de Baudelaire na França. Em 4 de novembro de 1855, Louis Goudall publicou um “abominável artigo”<sup>16</sup> nesse jornal atacando o poeta. Segundo Guyaux (2007), o “realismo mórbido” foi denunciado em 1857.

Em 15 de junho de 1860 e 1º de agosto de 1861, dois artigos são publicados respectivamente nos volumes 27 (n. 4) e 34 (n. 3) da *Revue des Deux Mondes*: “L’Arrière-saison de la poésie: poètes et vers nouveaux”, de Charles de Mazade, e “La poésie française en 1861”, de Armand de Pontmartin. A crítica de ambos à poesia baudelairiana é negativa e sem

<sup>16</sup> Trata-se do modo como Baudelaire qualificou o artigo de Goudall em uma carta para sua mãe, datada de 9 de janeiro de 1856 (BAUDELAIRE, 1973, p. 335).

concessão. Na leitura de Mazade, aparecem expressões como “crise nerveuse” [crise nervosa], “poème plein de crudité” [poema repleto de crueza], “agitations malsaines” [agitações malsãs], “hallucination sinistre” [alucinação sinistra], “légion de vices” [legião de vícios], para citar apenas algumas. E finaliza sua crítica com uma condenação ao esquecimento: “não há nada senão originalidade artificial, obtida pela bizarrice violenta, a imitação que ganha, se esparrama e subdivide em imperceptíveis nuances. Você obterá as *Flores do mal* ou este pálido enxame de volumes que desaparecem sem fazer barulho num mundo atarefado” (MAZADE, 1860, pp. 879-882).<sup>17</sup> Para Pontmartin (1861, pp. 713-715), a avaliação é semelhante: “imagination malade” [imaginação doente], “des rêves d’halluciné” [sonhos de um alucinado], e assim por diante. Qualifica essa “nova arte” de materialista ou fantasista, excêntrica ou realista.

Diante dessa crítica e do acesso aos periódicos por parte da corte e dos intelectuais brasileiros, a leitura de Machado de Assis parece se enquadrar num debate que ganha sentido e contexto. Ao questionar o realismo atribuído à poesia de Baudelaire, Machado parece demonstrar que está ciente dessa crítica e mantém, simultaneamente, um distanciamento em relação a essa leitura moralista e condenatória das *Flores do Mal*. Contrastivamente, se pensarmos na recepção francesa, veremos que se trata de uma crítica pioneira, independente e aguçada, que antecipa a leitura que Pergameni fez dez anos depois, na Bélgica, e a do ensaísta francês Fortunat Strowski, em 1912. O artigo publicado no jornal *O Liberal Pernambucano*, de 19 de outubro de 1857, primeira menção à obra poética de Baudelaire, como vimos anteriormente, deixa transparecer tal crítica moral e uma inquietação a respeito dessa “nova poesia”, como um eco do artigo de Pontmartin.

## O ACONTECIMENTO DA RECEPÇÃO DE BAUDELAIRE

Como afirma o historiador François Dosse, a partir de Michel de Certeau (2013, p. 1), “o acontecimento é o que ele se torna, o que provoca uma mudança de abordagem do antes do acontecimento em direção ao seu depois, de suas causas aos seus vestígios”. O historiador francês afirma

---

<sup>17</sup> “[...] il n’y a que l’originalité artificielle, obtenue par la bizarrerie violente, ou la répétition, l’imitation qui gagne, qui s’étend et se subdivide en imperceptibles nuances. Vous aurez les *Fleurs du Mal* ou ce pâle essaim de volumes qui disparaissent sans bruit dans un monde affairé”.

que estaríamos vivenciando um “retorno” da noção de *acontecimento*, no entanto, com um significado desvinculado das ideias de fatos meramente descritíveis com datas fixas num calendário. Seria preciso observar que o essencial do acontecimento está, na verdade, “no seu vestígio, naquilo que ele se torna, de maneira não linear no interior de múltiplos ecos de seu só-depois [*après-coup*]” (CERTEAU, 2013, p. 339).

Ao constatar ocorrências da presença do poeta nos jornais brasileiros e nos franceses que circulavam no país, outros elementos agregaram-se ao acontecimento da recepção do poeta, tornando este acontecimento outro. Essas ocorrências do nome de Baudelaire nos jornais, ao menos naqueles que sobreviveram à degradação temporal e à falta de investimento na preservação da memória, constituem os vestígios que *significam* o acontecimento *après-coup*. A própria circulação dos periódicos franceses – cuja existência física, em alguns casos, pode ser comprovada apenas indiretamente, com os pontos de venda e os registros dos correios, por exemplo – configura o vestígio de referências a Baudelaire no Brasil, diferentemente das traduções efetivamente publicadas em jornais impressos no país.

Ao dialogar com os trabalhos de Glória Carneiro do Amaral, Ricardo Meirelles e Antonio Candido, procurei identificar e dar sentido a uma recepção anterior de Baudelaire. Esta não renega as importantes pesquisas que se centraram na tradução. Procura agregar elementos para essa recepção, não somente do Baudelaire-poeta, como também do tradutor de Edgar Allan Poe e do crítico literário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acontecimento da recepção de Baudelaire no Brasil não se limita às primeiras traduções, mas deita suas raízes já em 1855, ano crucial para a recepção do poeta na França, segundo André Guyaux (2007), num contexto específico em que a circulação transnacional de bens culturais favorece uma recepção relativamente rápida entre os países.

Nesse sentido, periódicos como *Le Figaro* e, especialmente, a *Revue des Deux Mondes* (o original e a cópia belga) representam um verdadeiro elo entre os sistemas literários francês e brasileiro, desempenhando um papel fundamental para essa recepção. A publicação dos 18 poemas sob o título até então inédito de *Les Fleurs du Mal*, do mesmo modo que a dos artigos de Mazade e Pontmartin, ou ainda o de Goudall, podem ter passado nas mãos dos ávidos leitores brasileiros, particularmente de



intelectuais como Machado de Assis, que parecia estar ciente dos debates em torno da singularidade da poesia baudelaireana, em uma palavra, de seu suposto realismo mórbido. Como vimos, Machado revela-se um fino leitor, pioneiro em sua crítica da poesia de Baudelaire, sobretudo em contraste com a crítica francesa. Ele permanece, ao lado de Paul Verlaine, Asselineau, Banville, Pergameni e alguns outros, como um dos primeiros a perceber a importância da poesia de Baudelaire e a contestar o suposto realismo.

A abordagem transnacional, com sua mudança teórico-metodológica com base numa análise comparativa e nos aportes da História da Leitura, abriu sendas para aspectos que permaneceriam ignorados com o foco exclusivo das traduções.

Em suma, a “alavanca inicial” da recepção do poeta se dá primeiramente pela leitura direta em francês ao longo das décadas de 50 e 60 do século XIX, não somente de sua obra como também da sua fortuna crítica. Os poemas traduzidos, em seguida, a partir da década de 70, ampliam drasticamente a leitura de sua poesia em terras brasileiras.

Finalmente, mesmo se aponto o ano de 1855 como crucial para a recepção de Baudelaire no Brasil, permanece uma tensão entre o acontecimento identificado com os vestígios que deixa para trás e o acontecimento concebido na sua “efetuação real”, como afirma Dosse (2013, p. 340). O acontecimento permanece irreduzível, aberto para novas investigações.

---

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Glória Carneiro do. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996.
- ASSIS, Machado de. A nova geração. [1879]. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 4, jul.-dez., 2019, pp. 39-81.
- BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler. Paris: Gallimard, 1973, 2v. (Coll. Bibliothèque de la Pléiade)
- BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Choix et présentation de Claude Pichois et Jérôme Thélot. Paris: Gallimard, 2003.
- BOTTMANN, Denise. Baudelaire no Brasil. *Revista XIX*, v. 2, n. 5, 2017, pp. 159-190.

- CAMARGO, Katia Aily Franco de. Índícios de leitura e leitores da *Revue* e do *Annuaire des Deux Mondes* no Brasil na segunda metade do século XIX. *Revista Graphos*, v. 17, n. 1, 2015, pp. 31-48.
- CANDIDO, Antonio. Os primeiros baudelairianos. In: *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017[1973], pp. 27-46.
- CAPARELLI, André. “On nous écrit de Rio...”: les frontières transnationales du système médiatique de la presse au XIXe siècle. *Presses Universitaires de France*, “Relations internationales”, v. 1, n. 153, 2013, pp. 11-22.
- DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. Trad. de Constança Morel. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- GUIMARÃES, Valéria dos Santos. Imprensa franco-brasileira e mediação: Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX. In: LUCA, Tânia Regina de; GUIMARÃES, Valéria Guimarães (Orgs.). *Imprensa em língua estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017, pp. 87-144.
- GUIMARÃES, Valéria dos Santos. A imprensa francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. In: GUIMARÃES, Valéria; PINSON, Guilherme; COOPER-RICHET, Diana (Orgs.). Dossiê “A imprensa francófona nas Américas nos séculos XIX e XX”, *História*, São Paulo, v. 38, 2019, pp. 1-23.
- GUYAUX, André. *Baudelaire: un demi-siècle de lectures des Fleurs du mal (1855-1905)*. Paris: PUPS, 2007.
- MEIRELLES, Ricardo. *Les Fleurs du mal* antes de *As flores do mal*: os primeiríssimos baudelairianos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. esp. [“Baudelaire 150 anos”], ago.-dez., 2018, pp. 113-134.

### **Sites consultados:**

<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

<https://www.revuedesdeuxmondes.fr/>

Recebido: 15/11/2021

Aceito: 1/4/2022

Publicado: 5/7/2022